



Carta Mensal

J U N H O 2 0 2 5



WEALTH MANAGEMENT

Rua Joaquim Floriano, 960 - 17º andar - Itaim Bibi - São Paulo – SP - Brasil - 04534-004

bsideinvestimentos.com



BSIDE
INVESTIMENTOS

WEALTH MANAGEMENT

Cenário Macroeconômico e Político

Rua Joaquim Floriano, 960 - 17º andar - Itaim Bibi - São Paulo – SP - Brasil - 04534-004

bsideinvestimentos.com

Carta Mensal

JUNHO 2025

Cenário Macroeconômico e Político

O primeiro semestre de 2025 não foi um período exatamente calmo para os mercados: entre tarifaço, guerra, deterioração fiscal e incertezas políticas, tanto o cenário externo, quanto o local, experimentaram um período de notícias intensas e dúvidas elevadas. Mas, apesar disso, o mês de junho encerrou o período com um comportamento positivo para os principais ativos, fruto não de uma mudança de visão dos investidores, mas, sim, de um ambiente marcado pelo compasso de espera por algumas questões importantes.

Começando pelo cenário internacional, o mês foi marcado pelas expectativas por acordos comerciais entre os EUA e seus principais parceiros, especialmente China. Neste sentido, o anúncio de um período de trégua tarifária, junto a sinais de que um acordo estava próximo de ser anunciado, serviu para trazer calma aos investidores. Em paralelo, a proximidade do fim do período estipulado para que as principais economias negociassem com os EUA uma solução ao aumento de tarifas também contribuiu com o comportamento, já que, a princípio, até o dia 8 de julho um acordo deverá ser apresentado.

Por outro lado, alguns pontos ainda trazem preocupação no que diz respeito à economia norte-americana. O principal deles está relacionado à já frágil situação fiscal do país: o pacote fiscal de Trump, que até aqui já foi aprovado pelo Senado, e que envolve um corte de impostos individuais na ordem de US\$ 3,8 trilhões nos próximos 10 anos, impõe riscos à dinâmica fiscal, e, claro, preocupa investidores. Isso em um momento em que a confiança já vinha sofrendo, e frente as perspectivas de retomada do ciclo de corte de juros pelo Fed, fez com que o dólar se enfraquecesse em relação às principais moedas do mundo.

Internamente, fiscal e juros também estiveram no radar. Do ponto de vista fiscal, o imbróglio em torno do decreto do IOF ganhou corpo ao longo do mês: após a derrubada da medida pelo Congresso, o risco de judicialização por parte do governo incomodou. Risco fiscal à parte, a mensagem que o episódio passou foi de crise entre governo e Legislativo, o que dificulta a aprovação das próximas pautas, e passa a ser uma preocupação adicional para o governo às vésperas de um ano eleitoral.

Outro destaque do mês ficou por conta do Copom, que levou a taxa Selic a 15%, indicando um fim de ciclo, mas sinalizando que os juros permanecerão neste patamar por um bom tempo. Ainda que o BC tenha evitado antecipar qualquer tipo de discussão sobre o início dos cortes, é natural que o mercado comece a se questionar quando o afrouxamento vai acontecer. Neste sentido, o que o mês de junho mostrou foi que operadores e investidores parecem acreditar que 6 meses é um período longo o suficiente para se manter a Selic em 15% e esperar para ver se o efeito defasado da política monetária vai acontecer. Na outra ponta, no entanto, estão os economistas, que, de acordo com a Focus, acreditam que o início do processo de cortes deve ser no final do primeiro semestre – afinal, embora alguns números de atividade já indiquem um processo de desaceleração mais claro, os dados de inflação seguem acima do teto da meta, ao mesmo tempo em que as expectativas seguem desancoradas.



Mercados

Carta Mensal

JUNHO 2025

Mercados

No mês de junho o Ibovespa esticou a sequência de altas que tem sido observada desde março e subiu 1,33%, aos 138.854 pontos. No ano a bolsa tem alta acumulada de 15,44%, o que representa o melhor primeiro semestre desde 2016. Neste ano, no entanto, a alta dos primeiros 6 meses do ano tem uma particularidade, já que foi ancorada no fluxo de investimento estrangeiro para o Brasil, que acumulou no período a maior entrada dos últimos 3 anos: entre janeiro e junho de 2025 o fluxo ficou positivo em R\$ 26,449 bilhões, sendo que somente em junho o fluxo foi de R\$ 5,39 bilhões.

A justificativa para tal movimento passa mais pelo cenário externo do que pelo local: desde o início do ano, quando Trump assumiu, as dúvidas em torno da condução da política econômica norte-americana passaram a ser frequentes no mercado. Em abril, com o anúncio o Tarifaço, o cenário passou a se deteriorar ainda mais, e diante das inúmeras incertezas encontradas os investidores passaram a diversificar sua alocação de riscos – buscando alternativas em economias europeias, asiáticas e emergentes.

Internamente, não seria exagero dizer que, tanto em junho, quanto no primeiro semestre, a bolsa brasileira subiu apesar dos ruídos fiscais. Pesaram, neste sentido, o fim do ciclo de alta de juros, e também uma antecipação, talvez ainda precoce, do cenário eleitoral: não à toa, a cada pesquisa que mostra queda da popularidade do governo, ou uma intenção de votos maior para candidatos da oposição, o mercado firmava as altas.

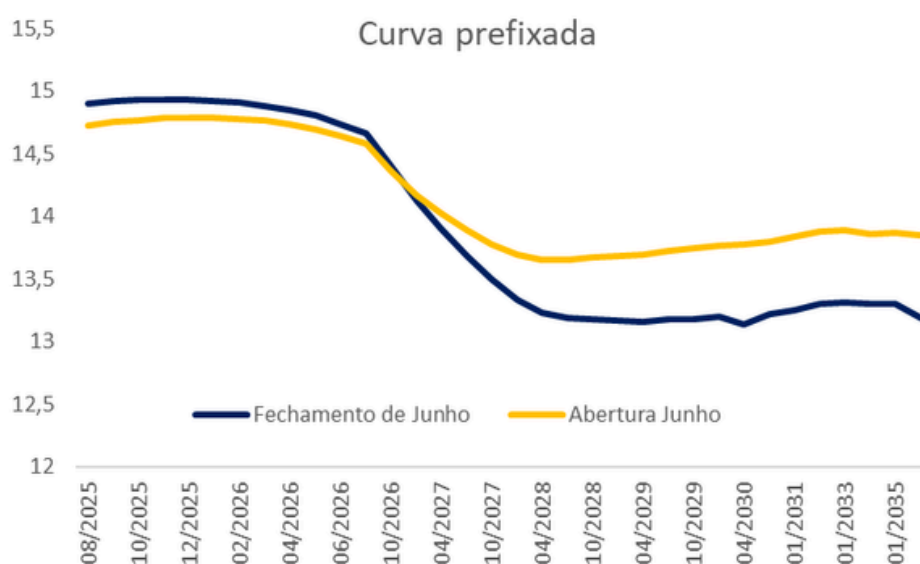
Lá fora, junho foi um mês de ganhos mais fortes para as bolsas de Nova York, fazendo com que no ano elas voltassem para o campo positivo: o anúncio de um “período de trégua” entre EUA e China, junto a expectativas de negociações tarifárias com outros países fizeram com que S&P renovasse, no final de junho, seu recorde de fechamento, subindo 4,96% no ano e 5,50% em 2025.



Fonte: B3. Elaboração: B.Side Investimentos.

Mercados

No mercado de juros, o Copom ditou o ritmo do mês de junho: após uma longa sequência de altas na taxa Selic, a autoridade monetária indicou o fim deste ciclo ao levar os juros básicos a 15% - sinalizando que a Selic deverá permanecer neste patamar por bastante tempo. Feito isso, as discussões do mercado passaram a ser sobre quando os cortes deverão começar a acontecer – ainda que o próprio BC venha tentando, em suas comunicações, evitar a antecipação deste cenário. Se isso por si só já seria suficiente para o fechamento da curva, parte dos dados econômicos deram um empurrão adicional: ainda que estes dados sigam mostrando uma atividade aquecida, muitos deles começam a indicar que um processo de inflexão pode começar a se desenhar. É o caso do setor varejista, da indústria e da criação de empregos com carteira assinada. Junto a isso, os números de inflação, embora ainda acima do teto da meta, caminham na mesma direção, e pelo segundo mês consecutivo apontam para uma desaceleração em 12 meses e para uma surpresa inflacionária positiva. Assim, se por um lado ainda temos uma atividade aquecida e uma inflação elevada, por outro os dados começam a sinalizar que, sim, política monetária funciona, e talvez as sucessivas altas dos últimos meses estejam começando a impactar a economia. O que o mercado passou a precificar, então, é que a Selic será de fato mantida em 15% por um bom tempo, mas a partir do primeiro trimestre de 2026, quando os dados estiverem mais claros, o processo de corte deve começar.



Fonte: Bloomberg. Elaboração: B.Side Investimentos.

A mesma insegurança com a economia norte-americana que fez com que o fluxo de estrangeiros fosse forte na bolsa brasileira, explica o movimento do dólar tanto em junho, quanto no primeiro semestre: no fechamento de junho a moeda era cotada a R\$ 5,43, o menor nível desde setembro do ano passado. A queda no mês foi de 4,99%, a maior desde janeiro, enquanto no semestre a moeda depreciou 12,07% em relação ao real. Além de incertezas fiscais e políticas, pode-se somar aqui a percepção de que o Fed, o banco central norte-americano, deve retomar os cortes de juros no segundo semestre deste ano.

Mercados

Com isso, o movimento da moeda norte-americana foi generalizado – prova disso é que o DXY, índice que mede o comportamento do dólar em relação às principais moedas do mundo, teve seu pior desempenho desde a crise de 2009, e acumula queda de mais de 10% no ano. O motivo para este enfraquecimento começa nas incertezas em torno das tarifas de Trump, mas, ao longo de junho, ganhou força no pacote fiscal de Trump: o corte de US\$ 3,8 trilhões em impostos previstos para os próximos 10 anos evidencia ainda mais a fragilidade da questão fiscal norte-americana, contribuindo, claro, para o enfraquecimento da moeda.



Fonte: BCB. Elaboração: B.Side Investimentos.



WEALTH MANAGEMENT

Asset Allocation

Rua Joaquim Floriano, 960 - 17º andar - Itaim Bibi - São Paulo - SP - Brasil - 04534-004

bsideinvestimentos.com



Alocações B.Side Investimentos [em %]

		PERFIL 1		PERFIL 2		PERFIL 3		PERFIL 4		PERFIL 5	
		est.	tát.	est.	tát.	est.	tát.	est.	tát.	est.	tát.
Renda Fixa		100.0	100.0	93.0	94.5	77.5	80.0	50.5	51.0	38.5	39.0
Pós-Fixado	IMA-S	84.5	81.0	70.0	66.0	48.0	43.5	13.0	5.5	5.0	2.0
Inflação	IMA-B	13.5	15.5	16.0	18.0	18.5	20.5	26.5	29.5	30.5	31.0
Inflação Curto	IMA-B 5	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Inflação Médio	IMA-B	-	15.5	-	18.0	-	20.5	-	29.5	-	31.0
Inflação Longo	IMA-B 5+	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Prefixado	IRF-M	2.0	3.5	7.0	9.5	11.0	14.5	11.0	14.5	3.0	4.5
Pré Curto (0-3)	IRF-M 1	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Pré Médio (3-6)	IRF-M	-	3.5	-	9.5	-	14.5	-	14.5	-	4.5
Pré Longo (6-10)	IRF-M 1+	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Internacional	S&P US Bonds	-	0.0	-	1.0	-	1.5	-	1.5	-	1.5
Multimercado	IHFA	0.0	0.0	4.0	1.5	13.0	9.5	18.0	15.0	18.5	16.0
Renda Variável		0.0	0.0	3.0	4.0	9.5	10.5	31.5	34.0	43.0	45.0
Brasil	IBOV	0.0	0.0	1.0	2.0	3.0	4.0	13.5	16.0	18.0	20.0
Internacional		0.0	0.0	2.0	2.0	6.5	6.5	18.0	18.0	25.0	25.0
EUA	S&P 500	-	0.0	-	2.0	-	6.5	-	18.0	-	25.0
China	MSCI China	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Europa	MSCI EU	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Global	MSCI	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
EM	MSCI EM	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Exposição em USD		-	0.0	-	0.0	-	0.4	-	1.6	-	2.0
Volatilidade		1.0		2.5		3.9		7.1		10.1	
Drawdown Joesley Day		-1.1		-2.5		-3.4		-6.2		-8.5	
Drawdown Greve Caminh.		-0.3		-1.5		-2.5		-5.0		-7.3	
Drawdown Covid-19		-1.8		-6.2		-9.9		-18.8		-27.0	

O conteúdo desse material não pode ser reproduzido, publicado, copiado, divulgado, distribuído, resumido, extraído ou de outra forma referenciado, no todo ou em parte, sem o consentimento prévio e expresso da B.Side Investimentos. O conteúdo desse material foi gerado consoante as condições econômicas, de mercado, entre outras, disponíveis na data de sua publicação, de modo que as conclusões apresentadas estão sujeitas a variações em virtude de uma gama de fatores sobre os quais a B.Side Investimentos não tem qualquer controle. As informações desse material refletem as condições mercadológicas na sua respectiva data de divulgação, sendo que eventos futuros podem prejudicar suas conclusões.

As informações contidas nesta apresentação são meramente informativas e não podem ser consideradas como recomendação de investimento ou única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de tomar qualquer decisão, deverá realizar uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos, face aos seus objetivos pessoais e ao seu perfil de risco ("Suitability"). RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. Assim, não é possível prever o desempenho futuro de um investimento a partir da variação de seu valor de mercado no passado. A B.Side Investimentos não assume que os investidores vão obter lucros, nem se responsabiliza pelas perdas.



Autorregulação
ANBIMA

Gestão de Recursos



Autorregulação
ANBIMA

Gestão de Patrimônio